

## AS PESQUISAS EM LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES NO MUNDO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

### RECHERCHE SUR LES LANGUES DES SIGNES ÉMERGENTES DANS LE MONDE: DESCRIPTION ET ANALYSE

Anne Carolina Pamplona Chagas 

#### RESUMO

O objetivo desse artigo é apresentar um breve panorama das pesquisas desenvolvidas em Línguas de Sinais Emergentes (LS EMG) a partir de um inventário dos estudos já realizados no mundo (CHAGAS, 2021), o qual considera a origem, tipo e/ou número de informantes e, sobretudo, as divergentes classificações tipológicas utilizadas por autores que possuem essas línguas como objeto de pesquisa, para nomear Línguas de Sinais (LS) microcomunitárias, tais como: Línguas de Sinais Emergentes, *Homesing*, Língua de aldeias e vilas, comunidade surda. Por fim apresenta-se a análise da Língua de Sinais Emergente utilizada pela micro comunidade de surdos da Vila de Fortalezinha localizada na Ilha de Maiandeuá, município de Maracanã, Estado do Pará (CHAGAS, 2021), a partir da co-ocorrência de dois mecanismos linguísticos utilizados no processo de formação dos Sinais gestuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Línguas de Sinais Emergentes. Microcomunidade de surdos da Vila de Fortalezinha. Sinais gestuais.

#### RESUMÉ

L'objectif de cet article est de présenter un bref aperçu des recherches développées en Langues des Signes Émergentes (LS EMG) à partir d'un inventaire des études déjà menées dans le monde (CHAGAS, 2021), qui considère l'origine, le type et/ou le nombre d'informateurs et, surtout, les classifications typologiques divergentes utilisées par les auteurs qui ont ces langues comme objet de recherche, pour nommer les Langues des Signes (LS) microcommunautaires, telles que: Langues des Signes Émergentes, *homesing*, Langue villageoise et du village, communauté sourde, etc. Enfin, nous présentons l'analyse de la Langues de Signes Émergentes utilisée par la micro communauté sourde de la Ville de Fortalezinha situé dans l'Île de Maiandeuá, municipalité de Maracanã, État du Pará (CHAGAS, 2021), a partir de la cooccurrence de deux mécanismes linguistiques utilisés dans le processus de formation des signes.

**MOTS-CLÉS:** Langues des signes émergente. Microcommunauté de sourds de Vila de Fortalezinha. Signaux gestuels.

## INTRODUÇÃO

Durante grande parte da história os surdos e suas comunidades sofreram, diante da opressão de pessoas ouvintes que os marginalizaram por sua incapacidade de falar vocalmente, privando-os de seus direitos cívicos e de educação, classificando-os como inaptos ou anormais. Seus saberes e modos de ser foram rejeitados, assim como sua língua de sinais considerada sem prestígio e status linguístico. No que diz respeito aos surdos, uma das formas mais cruéis de exclusão é o silêncio vivido cotidianamente devido à compreensão ainda limitada de sua língua e identidade.

Por isso, a surdez é ainda afetada por preconceitos linguísticos estereotipados, uma vez que os surdos são considerados deficientes (PCD) e essa visão geralmente se manifesta pelo olhar do ouvinte, que se transforma em um “olhar de constrangimento” para o surdo que tenta se comunicar e se expressar por meio do corpo. Foucault (1997), argumenta que existem princípios de proibição e, entre eles, separação, segregação e rejeição, que foram impostos aos surdos e sua língua. Isso reitera a ideia de que a desigualdade de inteligências atuava como um mecanismo disciplinar e regulatório, que tinha um poder centrado no corpo individualizado (orgânico) e no organismo social (coletivo).

É de suma importância enfatizar que, no caso da surdez, essa submissão discursiva se concentrou, como já foi dito anteriormente, no silêncio dos outros e é configurada por alguns estudiosos, ainda hoje, como mecanismo de deslegitimação de línguas e populações, sejam indígenas, ou faladas pelos descendentes de escravos, e, no caso da surdez, as línguas de sinais minoritárias usadas por micro comunidades de surdos, geograficamente localizados longe dos grandes centros urbanos.

Essas línguas ainda são concebidas por alguns como mímicas, línguas caseiras de menor prestígio social, porque não são a forma majoritária, institucionalizada, nem produzida e aprendida dentro dos muros acadêmicos. No entanto, são línguas autênticas, conhecidas como Línguas de Sinais Emergentes de Sinais (LS EMG), muito ricas tanto em termos de uso quanto de forma, produzidas dentro de suas comunidades que merecem ser estudadas, analisadas e preservadas, a fim de entender não apenas sua estrutura linguística, mas também todas as outras línguas, sinalizadas ou não.

Portanto, esse artigo tem por objetivo apresentar um breve panorama das pesquisas em Línguas de Sinais Emergentes realizadas no mundo, através de um inventário atualizado dos estudos de descrição e análise dessas línguas, bem como apresentar um exemplo de análise sociolinguística de uma língua de sinais emergentes utilizada pela micro comunidade de surdos que vive na Vila de Fortalezinha localizada no arquipélago de Maiandeuá, município de Maracanã, Estado do Pará, Brasil.

## **1 AS PESQUISAS EM LÍNGUAS DE SINAIS EMERGENTES NO MUNDO**

Segundo Fusellier (2004), as Línguas de Sinais Emergentes (LS EMG) são LS criadas e praticadas por indivíduos surdos dentro de um entorno exclusivamente ouvinte por pequenos grupos e comunidades de surdos, que normalmente vivem em áreas distantes dos grandes centros urbanos e, por essa razão, são também chamadas de línguas de sinais rurais ou de aldeia e se caracterizam pelo fato de se desenvolverem em pequenas comunidades com alto índice de surdez oriunda, normalmente, de aspectos genéticos, pela necessidade de comunicação essencial entre os surdos e o seu entorno ouvinte.

O termo “emergente” refere-se ao sentido primeiro, ao aparecimento das primeiras estruturas linguísticas, uma vez que, as LS EMG são situadas na fase inicial do processo de evolução semiogenética das línguas viso-gestuais e, por esse motivo, são classificadas como a primeira etapa (base) para a constituição de todas as línguas de sinais comunitárias, sejam elas institucionalizadas ou não praticadas pelos surdos no mundo (FUSELLIER, 2004, p. 38).

No que concerne a criação e desenvolvimento semiogenético da estrutura dessas LS, afirma-se que elas podem ser analisadas a partir de um *continuum* linguístico constituído, por duas escalas comunitárias distintas, a saber: as línguas micro comunitárias (não institucionalizadas) praticadas em pequenas comunidade por pequeno grupos de indivíduos surdos e, ainda, as LS macro comunitárias utilizadas nos grandes centros urbanos, línguas consideradas nacionais.

Padden (2010), ressalta que o termo LS Emergente (LS EMG) pode ser considerado na literatura como um termo genérico, pois agrupa os sistemas localizados entre homesigns e LS institucionais, considerando sua realização entre duas ou três gerações de surdos. Por essa razão, Martinod et al. (2020) ressalta que

esse termo é usado principalmente por linguistas que enfatizam a ausência de transmissão intergeracional entre os membros das comunidades, tais como os estudos de Vos et Pfau (2015) e de Meir et al. (2010), que considera que devem ser classificadas como LS EMG aquelas usadas por duas ou três gerações de falantes de L1.

Atualmente, existem outras tipologias utilizadas na literatura em LS para nomear línguas micro comunitárias de natureza semelhantes, classificadas a partir das pesquisas propostas por Fusellier (2004, 2006), Sandler et al. (2011), Padden (2010), Zeshan e De Vos (2012), Nyst (2013) e Bauer (2014), tais como: línguas de sinais emergentes, línguas de sinais alternativas, homesing, língua de aldeias e vilas, comunidade surda, etc.

Segundo Senghas (2005), essa "divergência" tipológica é resultante dos vários "tipos" de línguas de sinais, de países e localidades diferentes, com características linguísticas distintas que estão diretamente relacionadas com: a origem geográfica (o contexto sociológico) e social dos signatários, o tipo de comunidade interativa (família, aldeia), etc; o contexto geográfico: rural ou urbano; o tamanho da comunidade; o número de línguas em contato; o número de signatários L2 (ou seja, ouvintes que usam a linguagem de sinais como um segunda língua); a idade da língua e o contexto e os domínios do uso. Dentre as tipologias comumente usadas nos estudos descritivos em LS, destacamos as seguintes:

**a) LS de aldeia, vilas (Village Sign Languages):** tratam-se de LS que surgem, normalmente, no contexto de uma aldeia; possuem alta incidência de surdez (geralmente genética); criadas e desenvolvidas, relativamente, por poucos surdos; usadas por um número de ouvintes com laço parental, bem como várias famílias e gerações; comunidades nas quais há uma homogeneidade entre surdos e ouvintes em termos de ocupação e educação; conhecimento, práticas e rotinas culturais compartilhadas; são também classificadas como "línguas de sinais rurais" (ZESHAN; DE VOS, 2012) ou "línguas de sinais indígenas" (NONAKA, 2009) ou, ainda, como "línguas de sinais compartilhadas" (KISCH, 2008; NYST, 2012).

**b) Sistemas Homesign:** os "os sinais de casa" são oriundos de famílias onde uma única criança surda nasce e recebe nenhuma, muito ou uma limitada iniciação linguística (sinalizada) dos cuidadores ou outros; não têm uma relação significado-símbolo consistente, não são transmitidos de geração em geração, eles não são

compartilhados por 1 grande grupo de signatários e não são considerados iguais em uma comunidade de signatários (FRISHBERG, 1987).

Kendon (1980) foi quem apresentou as primeiras pesquisas abordando a gestualidade humana assumindo a nomenclatura de “Homesign systems” para designar a criação inicial de termos usados na comunicação interna entre uma criança surda e seus familiares. Após temos, os estudos pioneiros de Goldin-Meadow (1984), o qual apresentou três pontos teóricos resultantes das investigações em LS EMG, são eles: 1) influência da iconicidade na estrutura das LS EMG; 2) o papel do input para o desenvolvimento da linguagem e 2) o período de aquisição das línguas e a sua maturação.

Essas pesquisas iniciais foram de grande importância para o desenvolvimento de três estudos pioneiros em LS EMG, a saber: i) as pesquisas longitudinais e comparativas da psicóloga americana Goldin-Meadow et al (1997); ii) os estudos do linguista chinês Yau (1992) referentes à estrutura linguística das LS EMG; e iii) os estudos descritivos do etnólogo francês Delaporte (1996, 1997, 1998, 2002) sobre a criação gestual.

Esses estudos iniciais possuem grande importância, pois foi somente a partir deles que se tornou possível traçar as primeiras definições a respeito das propriedades formais e funcionais comuns a LS EMG. Segundo Martinod (op cit), as LS EMG possuem um núcleo comum cognitivo e estrutural alicerçado na iconicidade e nas estruturas de transferências, uma vez que essas línguas micro comunitárias estão ancoradas na experiência perceptivo-prática dos seus membros, da mesma forma que LS institucionais.

Tratam-se de línguas de sinais micro comunitárias, não institucionalizadas e, portanto, diferentemente das línguas consideradas oficiais, nacionais e institucionalizadas, não são ensinadas e aprendidas em contextos formais de educação como escolas e universidades, mas sim no contato prolongado com as comunidades surdas e seu entorno majoritariamente ouvinte, que usa essa LS como uma segunda língua.

A seguir apresenta-se de forma sintetizada os estudos desenvolvidos em LS EMG realizados entre os anos 1973 até hoje, a partir do inventário elaborado por Chagas (2021), com base nos estudos de Molford (1996), Fusellier-Souza (2004) e De Vos; Nyst (2018) das pesquisas consagradas em LS EMG no mundo de natureza descritiva e comparativa, as quais tinham e têm por objetivo identificar os aspectos

formais dessas línguas considerando dois tipos de população criança/adolescente, adultos, desenvolvidas nas áreas de Etnologia, Sociologia, Psicologia e Linguística, conforme quadro 01, que segue abaixo:

**Quadro 01:** Inventário dos estudos sobre as LS Emergentes

<b>Autores</b>	<b>Data e/ou período de realização</b>	<b>Origem dos informantes/Nomenclatura</b>	<b>Tipo e/ou nº de informantes</b>	<b>Classificação Tipológica</b>
Tervoort	1961	Bélgica/Holanda/USA	Crianças	Homesign
Kakumasu	1968, 1997	Urubu Kaapor – Maranhão/Brasil	adultos	LS de aldeia, vilas/LS rural
Washabaugh	1979, 1986	Ilha de Providência (Caribe)	Adultos e adolescentes	Comunicação gestual/LS rural
Washabaugh e Woodward	1979, 1981b	Antiga Língua de Sinais Caymaniana (OCSL)	18 surdos (jovens/adultos)	LS rural
Feldman et al.	1978	USA	Crianças e adolescentes	Homesign/oral homesigns
Kendon	1980a, 1988,1989, 1993, 2000, 2008	Província de Enga em Papua – Nova Guiné	Adultos	LS espontânea/LS rural
Scroggs	1981	USA		Homesign/oral homesigns <sup>1</sup>
Goldin-Meadow	1982 e 1987			
Goldin-Meadow et Mylander	1984, 1990a, 1990b, 1992			
Ferreira-Brito	1984, 1993, 1995	Urubu Ka’apor – Maranhão/Brasil	Adultos	LS de aldeia, vilas
Goldin-Meadow et al.	1994, 1995,1997	USA	Crianças e adolescentes	Homesign/oral homesigns
Morford	1993			
Morford et al.	1993, 1995			
Morford et Goldin-Meadow	1996			
Singleto et al.	1993			
DeVilliers et al.	1993			
Mohay	1982, 1990			
Emmorey et al.	1994	Austrália	Crianças	Homesign/oral homesigns
		Guatemala	Crianças e adolescentes	
Morford	1995, 1996b	Bangladesh	Crianças	Homesign/oral homesigns
Kegl, Kegl et al.	1994, 1999	Nicarágua	Crianças e adolescentes	Homesign

<sup>1</sup> Nyst et al. (2012), estabelece a distinção entre os termos *oral homesign* para sinais produzidos por crianças surdas em um ambiente auditivo e *rural homesign* para sinais produzidos por adultos surdos em áreas rurais.

Macleod	1973	Ilhas Britânicas	Adulto (45 anos)	"LS de sua própria fabricação"
Kuschel	1973, 1974	LS Kangobai - Ilhas Rennellese (Polinésia)	Adultos	Sinais de Kangobai (1973, p. 23)
Groce	1985	LS Martha's Vineyard (EUA)	Crianças, adolescentes e adultos	LS rural
Jepson	1991	LS Urbana da Índia (UISL) e a LS Rural da Índia (RISL)	Homens e mulheres de diferentes idades	Homesign
Woodward	1991, 1992, 1996	São José (Costa Rica)	Adultos	LS comunitárias
Senghas e Coppola, Kegl	1997, 1994	LS da Nicarágua	Crianças, adolescentes e adultos	Homesign
Torigoe et al; Torigoe e Takei	1994, 1995; 2002	Ilha Okinawa (Japão)	Adultos	LS emergente/espontânea
Yau	1992	China e Canadá	Adultos	Língua gestual espontânea
Delaporte	1996, 1997	França	Criança	Língua gestual
Osugi et al.	1999	LS Amami Oshima (Japão)	13 surdos e 8 ouvintes	LS Rural
Kisch; Meir et al. Sandler, Aronoff, et al.	2008; 2008, 2010, 2012	LS Al-Sayyid Bedouin (Israel)	Adultos	LS de aldeia, vilas LS compartilhadas
Kelley and McGregor	2003	LS Indiana do povo Keresan (Novo México-EUA)	Adolescentes e adultos	LS rural
Fusellier-Souza	2001b, 2004, 2006, 2012, 2015	Brasília/Brasil	Adultos	LS Emergentes
Bogaerde Van den	2005, 2006	LS Kajana (Suriname)	10 surdos (familiares e vizinhos ouvintes)	LS Rural
Gébert	2006	Ilhas Maurício	Adultos	LS de aldeia, vilas
Blench e Warren	2006	LS Bura (Nigéria)	Adultos	LS rural
Nonaka	2007	LS Ban Khor (Tailândia)	Adolescentes e adultos	LS indígenas
Nyst	2007, 2012, 2013, 2016	LS Adamorobe (Ghana) África Oriental	Crianças e adultos	LS compartilhadas/ LS rural
Carlierz	2008-2013	Ilha do Marajó/Brasil	Adultos	LS Emergentes
Girolletti	2008	LS Kaigang Xanxerê - (Santa Catarina/Brasil)	Crianças, adolescentes e adultos	LS original <sup>2</sup>
Temóteo	2008	LS Caiçara (Várzea Alegre -	Adultos	Variações da

<sup>2</sup> Ver Quadros; Silva (2017).

		Ceará/Brasil)		LIBRAS
Nyst	2010	LS Nanabin	Família com três gerações de membros (todas as idades)	LS de aldeia, vilas/LS rural
De Clerck	2011	LS Camarões (Extremo Norte)	Adolescentes e adultos	LS rural
Le Guen	2011, 2012, 2018	Maya Yucatec (México)	Crianças, adolescentes e adultos	LS de aldeia, vilas/LS rural
Coelho; Vilhalva; Lima	2011; 2012; 2013	Guarani - Kaiowá Mato Grosso do Sul/Brasil	Adultos	Homesign
Nyst et al.	2012	LS Douentza	Crianças, adolescentes e adultos	LS rural
Haviland	2013a; 2013b, 2015	Zinacantán Chiapas/México	Apenas três surdos	Homesign
De Vos	2011, 2012a, 2012b, 2016, 2018	Kata Kalog (Bali/Indonésia)	50 surdos de várias idades	LS rurais <sup>3</sup>
Schuit	2014	LS Inuit (Canadá)	2 surdos e 1 mulher ouvinte	LS de aldeia, vilas/LS rural
Cumberbatch	2012	Ilha Konchri Sain (Jamaica)	Adultos	LS de aldeia, vilas/LS rural
Panda	2012	LS Alipur (Índia)	40 surdos e ouvintes de uma única família extensa	LS de aldeia, vilas/LS rural
Lanesman & Meir	2012	LS Ghardaia (Israel e França)	Adultos e crianças	LS de aldeia, vilas/LS rural
Dikyuva	2012	LS de Mardin na Turquia	40 pessoas (surdos e ouvintes)	LS de aldeia, vilas
Horton	Início em 2012 (2020)	Nebaj (Guatemala)	Adultos e crianças	Homesign
Hou; Mesh	2016, 2018; 2017	LS Chatino, Oaxaca - México	Adultos e crianças	LS rural
Maypila e Adone	2012	LS Yolngu	Adultos	LS rural
Vilhalva; Sumaio	2012; 2014	LS Terena Mato Grosso do Sul/Brasil	Crianças, adolescentes e adultos	Sinais caseiros/emergentes
Pereira	2013	Cena - Jaicós-Piauí/Brasil	Crianças, adolescentes e adultos	Homesign, LS emergentes, variedade linguística da LIBRAS
Kasmer et al.	2014	LS Qasem Kafr	Adultos	LS Rural
Azevedo	2015	LS Sateré-Waré - Parintís - Manaus/Brasil	Crianças, adolescentes e adultos	LS original
Carlierz et al.	2016	Fortalezinha-PA/Brasil	Adultos	LS Emergentes
Cerqueira &	2016	Acenos - Cruzeiro do Sul -	Adolescentes	LS

<sup>3</sup> Ver Zeshan; De Vos (2012).

Teixeira		Acre/Brasil		nativa/sinais caseiros
Tano	2016	LS Bouakako - Côte d'Ivoire	Adolescentes e adultos	LS familiar
Braithwaite	2016	Ilha de Bay (Honduras) - LS Harbour /Ilha de Guanaja	Família/6 surdos (4 surdos-cegos)	Homesign
Damasceno	2017	LS Pataxó Aldeia Coroa Vermelha - Bahia/Brasil	Crianças, adolescentes e adultos	Homesign/sinais caseiros
Stoianov and Nevins	2017	LS Maxakalí (Minas Gerais/Brasil)	3 surdos Maxakalí	LS rural
Ergin	2017	LS Taurus Central	7 surdos adultos	LS rural
Yano & Matsuoka	2018	LS Miyakubo - Ehime-Oshima/Japão	20 surdos (3 gerações)	LS rural
Horton	2020	Nebaj, (Guatemala)	Crianças e adultos	Homesign
Martinod	2019, 2020	Ilha do Marajó/Brasil	Adultos	LS em curso de comunitarização
Chagas	2016, 2021	Fortalezinha-PA/Brasil	Adultos	LS Emergentes

Fonte: CHAGAS, 2021, p. 62-63.

Todas essas abordagens têm por objetivo estabelecer os princípios organizacionais e estruturais que constituíam as LS EMG. Entretanto, mesmo que os aspectos funcionais já estivessem incluídos nessas análises, eles ainda recebiam pouca importância. Esses estudos apresentam-se, atualmente, como modelos aplicáveis às demais investigações de natureza diacrônica e sincrônica das LS EMG, sejam elas praticadas por surdos adultos ou não.

Além das características estruturais e organizacionais, nessas pesquisas iniciais foram identificados, também, os tipos de gestos de base dentro da estrutura das LS EMG, sendo: 1) gestos icônicos ou descritivos classificados como "imitação visual de objetos" (TERVOORT, 1961, p. 2) gestos convencionais utilizados dentro do contexto sociocultural ouvinte e, ainda, os gestos marcados usados para modificar o sentido de uma sequência de SG.

Segundo Le Guen, Copolla e Safar (2020), línguas de sinais emergentes apresentam as seguintes características

- (1) São línguas com uma duração de existência relativamente curta (geralmente não mais do que 2 ou 3 três gerações, ou seja, vinculadas à presença de sinalizadores surdos).
- (2) Eles têm um número relativamente pequeno (inicial) de usuários primários, mesmo tão pequeno quanto um no caso de um sistema de assinatura individual.
- (3) Não são línguas institucionalizadas, ou seja, nenhuma instituição externa está decidindo sobre a evolução da língua.
- (4) Devido ao seu estado de emergência, essas línguas de sinais podem apresentar altas taxas de mudança que não são observadas em línguas "estabelecidas"

que já existem há centenas de anos e são usadas por uma grande comunidade (LE GUEN, et al. 2020, p. 4).

Schuit (2014), acrescenta que nessas comunidades a surdez não é vista como um fator negativo e a língua de sinais é aceita como um meio adequado de comunicação e devido à grande proporção de sinalizadores (surdos e ouvintes) nessas comunidades, as crianças surdas (e ouvintes) adquirem a LS no convívio diário com esses sujeitos, o que torna a aquisição dessas línguas de sinais de aldeias, altamente comparável à aquisição típica de línguas faladas, o que pode ser evidenciado nos vários estudos de formalização dessas LS.

## **2 LÍNGUA DE SINAIS DA MICRO COMUNIDADE DE SURDOS DE FORTALEZINHA-PA/BRASIL**

A descrição da Língua de Sinais de Fortalezinha (doravante LS de Fortalezinha), trata-se da primeira pesquisa de cunho sociolinguístico-descritiva realizada sobre a língua usada pelo micro comunidade de surdos da Vila de Fortalezinha-PA/Brasil, localizada na localizada na região Sudeste da Ilha de Algodual-Maiandeuá, uma área de Proteção Ambiental (APA), subordinada administrativamente ao município de Maracanã-PA localizado na Mesorregião Nordeste paraense a 164 km da capital do Estado do Pará, na chamada Microrregião do Salgado.

Na Vila de Fortalezinha existe uma micro comunidade de surdos formada por seis mulheres e quatro homens, perfazendo um total de dez indivíduos, os quais são os primeiros sujeitos dessa pesquisa. A maioria deles é nascida no município de Maracanã, possuem faixa etária que varia entre 30 a 70 anos de idade e são descendentes das primeiras famílias fundadoras dessa comunidade, as famílias Teixeira e Rodrigues, as quais chegaram por volta da metade do século XIX nas localidades da APA, ocupando espaços mais próximos da costa da Ilha de Maiandeuá, desenvolvendo a pesca como atividade de subsistência tal como nos tempos atuais, conforme imagem a seguir da micro comunidade.

**Figura 01:** Micro comunidade de surdos da Vila de Fortalezinha



Fonte: CHAGAS, 2021, p. 89.

No caso dos surdos da vila de Fortalezinha, esse pertencimento à descendência das famílias Teixeira e Rodrigues, explica a frequência de surdez presente entre esses moradores. Segundo Castilla & Schuller-Faccini (2014), em seu estudo sobre comunidades isoladas, foi encontrado um rumor de elevada frequência de surdez no município de Maracanã no estado do Pará. A hipótese dos pesquisadores é a de que uma única mutação genética tenha se espalhado entre um número expressivo de indivíduos em função da prática da endogamia. Essa hipótese é corroborada por Jaouad et al. (2009), o qual estima que no mundo existam pelo menos 20% da população humana vivendo em comunidades onde ocorrem casamentos consanguíneos.

Logo, a micro comunidade de surdos da Vila de Fortalezinha pode ser contada entre as populações presentes no Brasil e no mundo, com alta prevalência de surdez com um forte componente genético e/ou de anomalias congênitas (do nascimento), ainda que as causas para tal, sejam consideradas preponderantemente ambientais, uma vez que é resultado de uma prática social culturalmente concebida entre habitantes da vila. Entretanto, ressalta-se que o fator surdez entre os moradores dessa micro comunidade em Fortalezinha é um traço presente, mas não resumitivo da complexidade desses indivíduos em suas relações entre si, com os outros e com o mundo.

Os colaboradores surdos que participaram dessa pesquisa perfazem um total de 10 (dez), para os quais decidiu-se considerar para estratificação e análise oito fatores, sendo eles: gênero, idade, origem, grau de surdez, escolaridade, interlocutor

privilegiado, número de membros na família e profissão, nota-se, portanto, que a escolha pelos metadados adotados nesse estudo resumiu-se basicamente nos seguintes critérios: surdos que vivessem mais afastados dos grandes centros urbanos, escolarizados ou não, que tivessem atingindo a idade adulta e social ou profissionalmente integrados na sociedade.

## **2.1 FORMAÇÃO DO REPERTÓRIO – SINAIS PRODUTIVOS E ESTABILIZADOS**

Na LS de Fortalezinha bem como nas demais línguas micro comunitárias sinalizadas o repertório linguístico ocorre a partir da co-ocorrência de dois mecanismos linguísticos, qual sejam: a ativação de elementos icônicos de natureza ilustrativa, chamados como Sinais de Grande Iconicidade (doravante SGI) para “dizer mostrando” de maior ocorrência na LS estudada e a desativação ilustrativa de natureza categorizante e genérica, também chamada de Sinais Estabilizados (doravante SS) para “dizer sem mostrar” (CUXAC, 1996; 2000).

O processo de formação do repertório na LS de Fortalezinha é constituído por princípios internos relacionados à estrutura dos Sinais Gestuais (SG) e aos contatos linguísticos estabelecidos entre os indivíduos que compõe a rede social e, também, por fatores externos de natureza social e cultural. De maneira geral, a formação de SG nas LS de Fortalezinha inicia-se através da co-ocorrência de dois mecanismos linguísticos, são eles:

a) a ativação de elementos icônicos de natureza ilustrativa (SGI) específica presentes na língua, por meio dos quais o locutor “diz mostrando” (descreve/mostrando).

b) a desativação ilustrativa, que dá lugar às formas categorizantes e genéricas (SS) presentes na LS, por meio da qual o locutor “diz sem mostrar”, a partir de uma equivalência conceitual.

Portanto, é a partir desses dois mecanismos que são criados os dois tipos de sinais gestuais distintos que co-ocorrem durante o ato comunicativo, são eles os SGI (produtivos) e os SE (estabilizados), que articulados e combinados com os demais parâmetros manuais e não manuais, são os responsáveis pelo processo de elaboração e formação lexical dessa LS.

Para este artigo, em especial, explicito a seguir o processo de formação dos SG na LS de Fortalezinha a partir de apenas dois dispositivos de formação, a saber: a

concatenação de imagens e a retomada de formas icônicas por iconicidade global. Apresento, a seguir, dois exemplos que ilustram esses dispositivos de formação lexical, quais sejam:

a) no primeiro o colaborador M.B.S explica uma prática cultural comum entre os moradores da Vila de Fortalezinha, ou seja, como deve ser feita a preparação do peixe assado na brasa muito consumido na Vila e, para tanto, “diz mostrando” a partir da concatenação de quatro SG às fases de preparação e cozimento do alimento, tal como explicitado no quadro a seguir:

**Quadro 02:** Formação lexical por concatenação de imagens na LS de Fortalezinha

Exemplo 1: SEQ./Tema/Dur.: SEQ.58. I. NL.2017/ História de vida [04'06"- 04'10"]					
I(s)	M.B.S /  /Anne				
F					
SG	abrir o peixe (preparação)	temperar com sal	colocar na brasa e virar	abandar o fogo (cozimento)	
PC	MM	MD aberta esticada em direção a ME ME aberta esticada à frente representando o referente	MD fechada um pouco acima da mão esquerda ME aberta esticada à frente representando o referente	MD aberta esticada em direção a ME ME aberta esticada à frente representando o referente	MD fechada um pouco acima da mão esquerda ME aberta esticada à frente representando o referente
	MC	Ereto ligeiramente inclinado para esquerda	ereto	ereto	ereto direcionado para esquerda
PL	APT	DO: para o SG a fim de ativá-lo e reger a interação			
PEF	Olhos: abertos Boca: fechada Expressão/atitudes: concentração				
IA	"Você abre (corta) o peixe, coloca (tempera) com limão, vira de um lado e do outro e, abana o fogo"				

Fonte: CHAGAS, 2021, p. 276.

A partir dos exemplos apresentados, é possível perceber que a realização dos SG ocorre de forma concatenada, simultânea e paramétrica, segundo Yau (1992) essa concatenação ocorre por meio de sequências lexicais descritivas resultado da própria forma como a língua se estrutura e se realiza a partir das interações cotidianas, dentro de um *continuum* de realização imagética que se dá no corpo dos colaboradores surdos.

Identificou-se ainda, a formação por retomada de formas icônicas por iconicidade global, realizada a partir da integração global de formas icônicas

socialmente categorizadas (SS) para representar os SG desejados sem qualquer mudança de forma, tal como vemos nos três exemplos apresentados a seguir nos quais as colaboradoras surdas retomam três formas icônicas, por iconicidade global, são elas: *telefone*, *avião* e *o sinal ok* (positivo), como explicitado no quadro a seguir:

**Quadro 03:** Retomada global de formas icônicas na LS de Fortalezinha

<b>Iconicidade global de formas</b>			
<b>Valor Funcional:</b> relação referencial por semelhança			
SEQ./Tema/Du r.:	Ex.1: SEQ.13.I.NSD.2017/ LIBRAS x LS de I.M.T [03'06"]	Ex.2: SEQ.29.C.NL.2017/ Doença Esporte [01'02"]	Ex.3: SEQ.16.I.NSD.2017/ LIBRAS x LS de S.S.T.C [00'54"]
F			
I(s)	J.M.T /  /Anne	M.L.T /  /Anne	E.T /  /Anne
SG	telefone	avião	Positivo/ok

PC	MM	MD dedo indicador esticado, próximo ao ouvido e mínimo esticado, junto à ME fechada em repouso no corpo	MD dedo indicador e mínimo esticados acima da cabeça (alto)	MD dedo indicador esticado a frente do corpo ME mão aberta à frente do corpo
	MC	ereto levemente inclinado p/ direita Unidirecional	ligeiramente curvado para trás	ereto
PL	APT	DO: para o alocutório	DO: para o SG ativando	DO: para o alocutório
PEF		Olhos: aberto Boca: fechada Expressão./atitudes: seriedade	Olhos: aberto Boca: sorridente Expressão./atitudes: alegria	Olhos: aberto Boca: fechada Expressão./atitudes: assertiva
IA		"Ligou para ele"	"Viajou para longe"	"Isso mesmo (ok)"

Fonte: CHAGAS, 2021, p. 277-278.

Esse dispositivo de realização dos SG de formação por retomada de formas icônicas, é um processo comumente usada durante a execução dos sinais categorizados (SS), uma vez que nesse tipo de retomada de forma prevalece a relação referencial construída a partir das semelhanças entre os SG relacionados aos valores nominais convencionalizados linguisticamente.

Na LS analisada no estudo, ambos os sinais gestuais participam ativamente da construção, funcionamento e sentido do léxico da língua, entretanto, há uma predominância dos SGI (produtivos) em função da natureza estruturante da língua,

na qual prevalece a iconização das experiências. Entretanto, é possível observar que os SS co-ocorrem de maneira pontual com os SGI durante a dinâmica interativa e que eles possuem, em sua grande maioria, valores estabilizados de: antropônimos, topônimos gestuais e valores nominais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em termos gerais, no que diz respeito ao status que essas línguas de sinais possuem no quadro das demais línguas sinalizadas no mundo, decidiu-se neste artigo por referenciá-las como Línguas Emergentes, a fim de reforçar, primeiramente, o lugar que essas línguas ocupam no seio de suas comunidades. Logo, o termo emergente, reforça de modo geral o entendimento de que se tratam de línguas que nascem, se desenvolvem (crescem) e são transmitidas na interação individual e coletiva de seus membros, em suma nos contatos estabelecidos e reforçados dentro das redes sociais.

Tratam-se, portanto de línguas de sinais que se realizam em dois mundos, o 1º dos surdos, sendo esse majoritário dentro das redes individuais e o 2º minoritário dentro das redes dos ouvintes se considerarmos a língua de interação e circulação predominantemente utilizada nas localidades onde encontram-se essas comunidades de surdos, os quais diante do seu contexto de realização ouvinte, desenvolvem uma alta capacidade adaptativa de interação.

Logo, no que diz respeito às Línguas de Sinais Emergentes, a afirmação de que essas línguas são minoritárias, micro comunitárias ou ainda desenvolvidas dentro de um vilarejo, implica reiterar, primeiramente, que essas comunidades de surdos possuem uma LS que não é aprendida e ensinada na escola, mas sim na transmissão dentro do seio familiar, a qual se desenvolve ontogeneticamente e filogeneticamente de forma natural (orgânica) através do contato prolongado com os membros dessa comunidade.

Portanto, a formação e utilização dos SG não resulta de um inventário enciclopédico de todas as formas icônicas possíveis de representação de uma determinada entidade presente no cérebro dos usuários das línguas sinalizadas, mas sim da percepção prática que os surdos possuem do mundo e, sobretudo, da necessidade comunicativa dentro das suas redes linguísticas.

No caso da LS de Fortalezinha, essa percepção de mundo é expressa majoritariamente a partir do uso de SGI de natureza ilustrativa, ou seja, as operações cognitivas dos surdos, suas práticas sociais e a expressão de sua visão perceptivo-prática do mundo, privilegia, portanto, o “dizer mostrando”. Logo, a iconicidade é o princípio estruturante e fundador dessa LS e, por essa razão, a visão ilustrativa (SGI) proposta por Cuxac (2000) de dizer mostrando orienta a quase totalidade das operações cognitivas dos surdos de Fortalezinha, já os SS de natureza categorizante ocorrem pontualmente durante o ato comunicativo, o que implica dizer que ambos participam ativamente da construção, funcionamento e sentido do léxico da língua.

No caso da LS apresentada afirma-se que o uso da quase totalidade dos SS (exceto o topônimo Belém) é resultado do contato linguístico com a língua institucionalizada (LIBRAS), logo, a escolha pelo uso de um SG, para além de refletir a atitude linguística desses falantes, está atrelada a uma gama de relações socioculturais decorrentes das práticas sociais estabelecidas pelos sujeitos no centro dos seus contatos linguísticos individuais e coletivos que podem, em certa medida, representar uma mudança linguística na forma de dizer (usos) dessa LS.

Assim, de um modo geral, as análises e reflexões apresentadas neste estudo visam oferecer um “novo” olhar ao apresentar as línguas de sinais emergentes estudadas no mundo, a partir do inventário atualizado desses estudos, a fim de contribuir para uma reflexão sobre a importância de estudar, descrever, reconhecer e valorizar essas línguas minoritárias, seus usuários e sua comunidade configurando-se, portanto, como uma contribuição importante para o estudos dessas línguas de sinais no mundo, num contexto mais abrangente e teórico e, sobretudo, uma contribuição acadêmica e social para os estudos de línguas de sinais emergentes na Amazônia.

## REFERÊNCIAS

BAUER, A. **The use of signing space in a shared sign language of Australia**. Berlin: De Gruyter Mouton & Ishara Press, 2014.

CASTILLA, E.; SCHULLER-FACCINI, L. From rumors to genetic isolates. **Genetics and Molecular Biology**, v. 37, p. 186-193, 2014.

CUXAC, C. **Fonctions et structures de l’iconicité des langues des signes. Analyse descriptive d’un idiolecte parisien de la langue des signes française**

Σ SIGMA, Macapá, v. 3, n. 2, p. 83-101, jul. - dez. 2022.

(Thèse de doctorat d'État, Université Paris V). Consulté à l'adresse <http://www.theses.fr/1996PA05H043>, 1996.

\_\_\_\_\_. La Langue des Signes Française (LSF) - Les voies de l'iconicité. **Faits de Langues**, v. 15-16. Ophrys, Paris, 2000.

CHAGAS, A. C. P. **Narrativas em silêncio**: descrição e análise sociolinguística da Língua de Sinais de Fortalezinha-PA, Brasil Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Letras e Université Paris VIII Vincennes - Saint-Denis, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2021.

DELAPORTE, Y. Le un bestiaire créé par une sourde-muette isolée. In: **Projet d'article pour la revue Anthropologique**, 1996.

\_\_\_\_\_. Une langue gestuelle créée par une paysanne sourde isolée pour communiquer avec sa famille entendante. Intervention à la journée d'étude Communication sourds-entendants, **Association de recherches interdisciplinaires sur la langue des signes ARILS**, Rouen, 1997.

\_\_\_\_\_. Regard sourd. Comme un fil tendu entre deux visages. *Terrain*, 30:49-66. **Mise en ligne en intégral automne**, 2005, disponible em: <http://terrain.revues.org/sommaire827.html>. Acesso em: 22 de out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Les sourds, c'est comme ça! Ethnologie de la surdimudité**. Paris: Édition de la Maison des Sciences de l'Homme, 2002.

DE VOS, C; PFAU, R. Sign Language Typology: the Contribution of Rural Sign Languages. **Annual Review of Linguistics**, v. 1, n. 1, p. 265-288, 2015.

DE VOS, C; NYST, V. The Time Depth and Typology of Rural Sign Languages. **Sign Language Studies**, v. 18, n. 4, p. 477-487, Gallaudet University Press, 2018.

FUSELLIER-SOUZA, I. **Sémiogenèse des langues des signes. Etude de langues de signes émergentes pratiquées par des sourds brésiliens**, thèse de doctorat non publiée, Université Paris 8. Consulté à l'adresse <http://www.theses.fr/2004PA082477> , 2004.

\_\_\_\_\_. Emergence and Development of Signed Languages: From a Semiogenetic Point of View. **Sign Language Studies**. Gallaudet University Press, v. 7, n. 1, p. 30-56, 2006.

FRISHBERG, N. Home sign. Gallaudet encyclopedia of deaf people and deafness. **Child Development**, v. 3, p. 128-131, 1987.

GOLDIN-MEADOW, S. & C. MYLANDER. Gestural communication in deaf children: the effects and non-effects of parental input on early language development. Monography of the Society for Research. **Child Development**, v. 4, n. 9. p. 1-121, 1984.

\_\_\_\_\_. Morford, J. P., & From here to there and now to then: The development of displaced reference in homesign and English. **Child Development**, v. 6, n. 8, p. 420-435, 1997.

JAOUAD, I. C., et al. Consanguineous marriages in Morocco and the consequence for the incidence of autosomal recessive disorders. **Journal of Biosocial science**, v. 4, n. 1, p. 575-581, mai. 2009.

KENDON, A. A Description of a Deaf-Mute Sign Language from the enga Province of Papua New guinea with Some Comparative Discussion. Parte I: The formational properties of Enga signs. **Semiotica**, v. 31, n. 2, p. 1-34, 1980.

KISCH, S. "Deaf discourse": The social construction of deafness in a Bedouin community. Medical Anthropology: Cross Cultural Studies. **Health and Illness**, 27, n. 3, p. 283-313, 2008.

LE GUEN, O.; SAFAR, J. & COPPOLA, M. (eds.). **Emerging Sign Language in the Americas**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2020.

MARTINOD, E., GARCIA, B., & FUSELLIER-SOUZA, I. An emerging Sign Language and Sign Language Typology: The Case of the Marajó Island (Brazil). O. Le Guen, J. Safar, M. Coppola (Eds.) **Emerging Sign Languages of the Americas**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2020.

MEIR, I.; SANDLER, A.; PADDEN, W.; ARONOFF, C. M. Emerging sign languages. In Marc Marschark and Patricia E. Spencer (eds.), **Oxford Handbook of Deaf Studies, language, and education**, v. 2, p. 267-280. Oxford University Press, 2010.

MORFORD, J.P. Tendances d'ordre dans un système de signes domestiques. In: Spécificités de la recherche linguistique sur les langues signées. Dubuisson, S & Bouchard, D. (eds). **Actes du colloque ACFAS**, Montréal. p. 05-16, 1996.

NONAKA, A. M. Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: The Ban Khor case study. **Language and Communication**, v. 29, n. 3, p. 210-229, 2009.

NYST, V. A. S. Shared sign languages. In: **Sign languages. An International Handbook**, 552-574. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

\_\_\_\_\_. The Significance of African Sign Languages for African Linguistics and Sign Language Studies. In: **Selected Proceedings of the 43rd Annual Conference on African Linguistics: Linguistic Interfaces in African Languages**, 2013.

PADDEN, C. A. Sign Language Geography. In: Gaurav Mathur & Donna Jo Napoli (eds.), **Deaf around the world: The impact of language**, 19-37. Oxford: Oxford University Press, 2010.

QUADROS, R.M; SILVA, D.S. da. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRANO, R.C.; PEDROSA, C.E.F. (Orgs.). **Comunidades Surdas na América Latina: Língua – Cultura – Educação – Identidade**. Florianópolis: Editora Bookess, 2017. p. 135-152.

SANDLER, W.; ARONOFF, M.; MEIR, I. & PADDEN, C. The gradual emergence of phonological form in a new language. **Natural Language & Linguistic Theory**, v. 29, n. 2, p. 503-43, 2011.

SENGHAS, A. Language emergence: Clues from a new Bedouin sign language. **Current Biology**, v. 15, n. 12, 2005.

SCHUIT, J. M. **Signs of the arctic**: Typological aspects of Inuit Sign Language. Universiteit van Amsterdam dissertation. Amsterdam, The Netherlands, 2014.

TERVOORT, B. T. Esoteric symbolism in the communication behavior of young deaf children. **American Annals of the Deaf**, p. 436-480, 1961.

YAU, S.C. **Création Gestuelle et début du Langage** – Création de langues gestuelles chez les sourds isolés. Éditions Langages Croisés, Hong Kong, 1992.

ZESHAN, U; DE VOS, C. **Sign languages in village communities**: Anthropological and linguistic insights. Berlin: Walter de Gruyter, 2012.

## Sobre a autora

### **Anne Carolina Pamplona Chagas**

Doutora em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA

Contato: anne.chagas@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5837-8482>

**Artigo recebido em:** 30 de outubro de 2022.

**Artigo aceito em:** 30 de novembro de 2022.